

OS PENSADORES DA GRÉCIA

TOMO III

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Gomperz, Theodor, 1832-1912.

Os pensadores da Grécia : história da filosofia
antiga / Theodor Gomperz ; tradução de
Gabriela Mei Edel. -- São Paulo : Ícone, 2014.
-- (Coleção fundamentos da filosofia)

Título original: Les penseurs de la Grèce.
Conteúdo: Tomo III. Filosofia aristotélica.
ISBN 978-85-274-1243-8

1. Aristóteles 2. Filosofia antiga I. Título.
II. Série.

13-06805

CDD-185

Índices para catálogo sistemático:

1. Filosofia aristotélica 185

THEODOR GOMPERZ



OS PENSADORES
DA GRÉCIA

HISTÓRIA DA FILOSOFIA ANTIGA

— TOMO III —

FILOSOFIA ARISTOTÉLICA



COLEÇÃO FUNDAMENTOS DA FILOSOFIA

TRADUÇÃO DE GABRIELA MEI EDEL

1ª EDIÇÃO
BRASIL - 2014

 **icone**
editora

© Copyright da tradução – 2014
Ícone Editora Ltda.

Título original*

Les penseurs de la Grèce, de Theodor Gomperz (1832-1912).

* Tradução do francês a partir da 3ª edição da Payot (1928) da tradução de Auguste Reymond, premiada pela Academia Francesa, feita a partir da 4ª edição alemã (*Griechische Denker*).

Conselho editorial

Cláudio Gastão Junqueira de Castro

Diamantino Fernandes Trindade

Dorival Bonora Jr.

José Luiz Del Roio

Marcio Pugliesi

Marcos Del Roio

Neusa Dal Ri

Tereza Isenburg

Ursulino dos Santos Isidoro

Vinícius Cavalari

Tradução

Gabriela Mei Edel

Revisão

Marina Castanho

Juliana Biggi

Projeto gráfico, capa e diagramação

Richard Veiga

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou meio eletrônico, mecânico, inclusive através de processos xerográficos, sem permissão expressa do editor. (Lei nº 9.610/98).

Todos os direitos reservados pela

ÍCONE EDITORA LTDA.

Rua Anhanguera, 56 – Barra Funda

CEP: 01135-000 – São Paulo/SP

Fone/Fax.: (11) 3392-7771

www.iconeeditora.com.br

iconevendas@iconeeditora.com.br



ÍNDICE

PREFÁCIO 7

Livro Sexto

ARISTÓTELES E SEUS SUCESSORES. 9

Capítulo I	A academia antiga	11
Capítulo II	A vida de Aristóteles.	25
Capítulo III	Aristóteles, o homem e o escritor.	33
Capítulo IV	Aristóteles e sua doutrina das categorias	41
Capítulo V	Aristóteles lógico e dialético	49
Capítulo VI	O platônico e Asclepiades.	61
Capítulo VII	O platônico e Asclepiades (Continuação: a teoria aristotélica dos elementos)	67
Capítulo VIII	Os princípios de prova	73
Capítulo IX	A ontologia de Aristóteles	81
Capítulo X	Do acaso e da necessidade.	95
Capítulo XI	Aristóteles naturalista (A natureza inorgânica).	107
Capítulo XII	Aristóteles naturalista (A natureza orgânica)	127
Capítulo XIII	Aristóteles naturalista (A sistemática, o anatomista comparador e o fisiologista)	141
Capítulo XIV	Aristóteles naturalista (Fim: O embriologista)	159
Capítulo XV	A psicologia de Aristóteles	169
Capítulo XVI	A psicologia de Aristóteles (Continuação: O problema da vontade)	185

Capítulo XVII	A psicologia de Aristóteles (Fim: Teoria do Nós e da Razão)	191
Capítulo XVIII	A teologia de Aristóteles	201
Capítulo XIX	As doutrinas teológicas de Aristóteles (Continuação e fim: A astronomia aristotélica)	215
Capítulo XX	A moral de Aristóteles.	231
Capítulo XXI	A moral de Aristóteles (Continuação: A justiça)	245
Capítulo XXII	A moral de Aristóteles (Continuação: As virtudes dianoéticas e a impotência da vontade)	255
Capítulo XXIII	A moral de Aristóteles (Continuação: A amizade)	269
Capítulo XXIV	A moral de Aristóteles (O último livro da ética)	279
Capítulo XXV	A moral de Aristóteles (A teoria do prazer).	287
Capítulo XXVI	A política de Aristóteles (Trabalhos preparatórios, estrutura e introdução da obra).	293
Capítulo XXVII	A política de Aristóteles (A escravidão; gregos e bárbaros; artesãos)	303
Capítulo XXVIII	A política de Aristóteles (A controvérsia sobre as formas políticas)	317
Capítulo XXIX	A política de Aristóteles (A monarquia).	329
Capítulo XXX	A política de Aristóteles (A política estática)	337
Capítulo XXXI	A política de Aristóteles (A dinâmica política)	347
Capítulo XXXII	A política de Aristóteles (A crítica dos ideais políticos e das cidades-modelo).	361
Capítulo XXXIII	A política de Aristóteles (O ideal político do filósofo)	367
Capítulo XXXIV	A política de Aristóteles (A procriação e a educação)	373
Capítulo XXXV	A estética de Aristóteles.	377
Capítulo XXXVI	Aristóteles e a retórica.	393
Capítulo XXXVII	Aristóteles e a retórica (Continuação: As paixões e os tipos característicos)	407
Capítulo XXXVIII	Aristóteles e a retórica (Continuação e fim)	417
Capítulo XXXIX	Teofrasto de Éfeso	431
Capítulo XL	Teofrasto de Éfeso (Continuação: Teofrasto como botânico)	441
Capítulo XLI	Teofrasto de Éfeso (Continuação: o pintor de valores morais).	451
Capítulo XLII	Teofrasto de Éfeso (Continuação e fim)	461
Capítulo XLIII	Straton de Lampsaco	471



PREFÁCIO

Ao publicar a última parte desta obra, da qual o primeiro fascículo foi publicado há mais de quinze anos, vejo-me forçado a justificar as mudanças trazidas ao meu plano primitivo. No prefácio do segundo volume, eu já fiz a observação que era impossível para mim acrescentar ao estudo de Sócrates, dos Socráticos e de Platão, o estudo de Aristóteles e seus sucessores. Dando continuidade ao meu trabalho, fui levado a modificar ainda mais profundamente minhas primeiras intenções. Eu abordo os limites mais íntimos do assunto desta obra, cujos três volumes anteriores previstos estão, agora, finalizados.

Inicialmente, eu desejava seguir a história da filosofia grega até os primeiros anos da era cretense; mas, pouco a pouco, me dei conta de que ela encontra sua conclusão, naturalmente, no primeiro quarto do século III a.C. Neste momento, as ciências particulares chegaram a um grau de desenvolvimento que transforma suas relações com a filosofia de uma maneira essencial. Ainda é possível encontrar um sábio universal como o estoico Posidônio, mas é apenas um caso isolado, e pode-se dizer que, desde então, somos tudo, a filosofia e as ciências particulares seguem por caminhos diferentes. A ciência universal – que é o assunto principal de meu estudo – está, então, extinta; o centro de gravidade do progresso científico passou nas disciplinas especiais.

Portanto, o prazo que eu estabeleci quase foi alcançado, ou falta pouco: resta-me apenas, para realizar completamente meu projeto, expor os primórdios das escolas estoicas e epicurianas e estudar as primeiras manifestações do Ceticismo. Espero fazer isso em uma obra especial, que terá como título a Filosofia da época helenística, para a qual eu desejo lançar inúmeros olhares futuramente.

Viena, maio de 1909.

TH. GOMPERZ

LIVRO SEXTO



ARISTÓTELES E SEUS SUCESSORES

Is enim ut est diligentissimus in cognoscendis rebus singulis quarum ingentem prorsus et prope incredibilem animo complexus est scientiam, ut est acutus et ingeniosus in redigendis his singulis rebus ad summas, quas distinguit, omnium entium categorias: ita, cum de iaciendis altissimis doctrinae fundamentis et de confirmandis interque se conciliandis principiis agitur, plurimum relinquit dubitationis.

Hermann Bonitz

(Comentário à Metafísica, p. 29)



CAPÍTULO I

A ACADEMIA ANTIGA

- I. Speusippe e o “sistema natural”. Speusippe e o Pitagorismo.
- II. A personalidade de Xenócrates. Suas doutrinas religiosas e psicológicas. Doutrina dos números ideais. Tentativa de explicação. Influência da doutrina dos números em Xenócrates.
- III. Polemon e Krantor. Crates e Arcésilas.
- IV. Heráclides do Ponto. Heráclides e a teoria atômica.

I

Os sucessores de Platão viveram da herança de seu envelhecimento. Por temer à chegada da idade, o grande homem deu vigorosos impulsos que, durante quase um século, dirigiram a ação de sua escola. A lei fundamental do desenvolvimento da escola platônica – predominância alternante das tendências do mestre – foi, assim, manifestada durante este período. Contudo, é preciso quase retornar ao seu período para constatar uma revolução propriamente dita. A partir deste momento, a última fase de Platão parou de agir com seus sucessores. O despertar “elêntico”, na realidade socrática que durante muito tempo tem sido reprimido, anuncia o início da escola a qual chamamos de Academia antiga, aberta pelo cético Arcésilas.

Platão entrega a direção da Academia a seu sobrinho Speusippe, que a dirige durante oito anos (347-339).¹ A personalidade de Speusippe sofreu com a sombra daquele poderoso fundador da escola. Nem na antiguidade, nem nos tempos modernos, atribui-se a ele a merecida importância. Ele teve o mérito, se julgarmos bem, por desenvolver, primeiramente, o momento de pensar que representa o *Sofista* e o *Político*. Sua obra principal foram os dez livros de *Homoioia*, nos quais, guiado pelas analogias, ele estudou o reino animal e o reino vegetal. Seu objetivo era reunir as coisas da mesma natureza e de separar aquelas que entre elas formam apenas um vínculo mais aparente do que real. São as manifestações do mesmo instinto classificador que caracteriza os dois diálogos platônicos nomeados anteriormente, e que surgiu com Aristóteles em seu desenvolvimento mais completo. Portanto, somos autorizados a ver em Speusippe um precursor do Estagirita. Aliás, assim como Aristóteles, ele tinha um interesse vivo pelo imenso mundo dos fenômenos, sobretudo no que se refere às coisas do homem – coisas de espírito, que lhe incitou a se relacionar com os círculos duradouros do povo siracusiano e que determinou Timonide a lhe dedicar seu relato sobre a expedição de Dion (cf. II 556 sq.). A consolidação do senso empírico, tal é a característica que vemos predominar em seu espírito. Poderíamos até dar mais alguns passos e dizer que sua relação assídua com o mundo orgânico fez amadurecer nele o pensamento da evolução². Este se origina de uma frase de Aristóteles.³ Ele não queria – nos diz Aristóteles – colocar o princípio do Bem no início do processo cósmico, e ele justificava essa recusa ao invocar os seres individuais, animais ou vegetais, que manifestam, durante sua existência, uma tendência do imperfeito ao perfeito.

¹ No *Index Academicorum*, col. VI, pp. 37-8, Mekler trata brevemente de Speusippe; Diogène Laërce aborda este assunto detalhadamente, IV, c. 1. Speusippe é mencionado aqui, no vol. II, pp. 284, 287, 289, 557 sq. Como sempre, é possível encontrar coisas excelentes sobre este assunto em Krische, *Die theologischen Lehren der griechischen Denker*, pp. 247-258.

² C.f. Krische, *op. cit.*, p. 257.

³ *Métaph.* XIII 7, 1072b 31, comparado com XIV 5, 1092a 9.

Este ponto de vista, que lhe fazia considerar a força primitiva como análoga à força vital orgânica, lhe atraiu a censura do ateísmo⁴.

Esta tendência empírico-indutiva tinha outro lado: Speusippe não admitia que uma dialética fosse puramente classificativa, e, como veremos em seguida, ele modificou consideravelmente esse ramo da filosofia. O respeito de seu tio não lhe impediu de rejeitar a teoria das ideias⁵. Ele se exprimiu, sobre toda tentativa de definição, com o desdém que Antisthène ensinou para essa parte da dialética. Assim como Antisthène, evidentemente ele desejava apagar a diferença entre os atributos essenciais. “Para definir corretamente uma coisa, era necessário conhecer tudo, pois a determinação da essência de uma supõe o conhecimento das diferenças que a separam de todas as outras.” Este ponto nos permite, também, dar uma olhada que será bem-vinda, com o caráter particular de seus estudos da história natural. Uma testemunha que, em si, não há nada de suspeito, lhe atribui a rejeição da “divisão” e das “definições. No entanto, esta rejeição baseia-se unicamente naquilo que é impossível de formular as definições suficientes, objeção feita por um pensador que não foi o primeiro, já que havia Eudemo. Daí, tiramos a seguinte conclusão: Certamente, Speusippe não se absteve de qualquer tentativa de classificação. Isso também resulta do título de sua obra essencial em que alguns fragmentos – miseráveis sejam eles – nos restam. Aquilo que ele rejeitou não se deu pela consequência da classificação em geral, mas pela divisão dos seres baseados nas definições das classes. Em outros termos, ele era adversário desse tipo de classificação que hoje em dia se nomeia como técnica ou artificial, e ele foi o primeiro campeão desse agrupamento que, por oposição ao último, qualifica-se pelo sistema natural. Ele teria tomado partido por Bernard de Jussieu contra Linné. Esse método, que triunfou em nossos dias, foi explicado como resultado por Whewell, autor de *Histoire des Idées scientifiques*: “A classe é fixada de uma maneira duradoura, embora ela não seja exatamente limitada e circunscrita; ela é determinada – não por uma linha exterior, mas no interior por um ponto central; não por este que ela exclui rigorosamente, mas por aquele que ela inclui nela mesma de preferência; por um modelo e não por uma fórmula; em uma palavra, aqui, nosso guia é *um tipo e não uma definição*”⁶. Os fragmentos da obra⁷, nos quais regressam sem cessar as expressões como “análogo”, “semelhante”, “similar”, ao passo que todo traço de delimitação rigorosa e de definição estrita em falta concorda fortemente com esse resultado, mesmo que eles não nos esclareçam quase nada sobre a aplicação, em detalhe, do princípio fundamental, além da disposição da matéria.

4 Cicéron, *De natura deorum* 1, 13, 32.

5 Essencialmente, após Aristóteles, *Métaph.* XIII 8, 1083a 21, com a explicação de Zeller, II 1, 4ª ed., p. 1004. A respeito do que se segue (relativo à Antisthène), cf. nosso volume II, 188 sq.; Aristóteles, *Anal. Post.* II 13, 97a 46 sq. Com o comentário de Themistios, p. 58, 4 sq. Ed. Wallies e *Eudemi fragmenta*, 164, 21 ed. Spengel; enfim Joannes Philoponos, ad. *Analyt. Post.* (Ed. Wallies, p. 405, 27 sq.).

6 Whewell, *History of scientific ideas* II, 120 sq.

7 Os fragmentos de Ομοια encontram-se em Atenas.

Enfim, o título de um dos livros: “Os modelos ou tipos dos gêneros e das espécies” volta-se completamente para o círculo dessas conjunturas⁸. Aspirando a um sistema natural, combatendo o emprego exclusivo da divisão por dicotomia, Speusippe representa o antecessor de Aristóteles; Platão, que realmente já havia renunciado à dicotomia na *Politique*⁹.

O estudo aprofundado da infinita multiplicidade das criações orgânicas não podia favorecer a hipótese de que a dualidade ou o princípio da diferenciação fosse, ao mesmo tempo, o princípio do mal¹⁰. Portanto, não ficamos nem um pouco espantados de ver o sobrinho contradizer seu tio também nesse ponto. Em revanche, não podemos deixar de ficar surpresos com os textos que nos mostram Speusippe mais de perto, por outros pontos de vista, desde Pitágoras ao próprio Platão. Pois, ao lado das indicações tanto incertas quanto infecundas, uma coisa permanece estabelecida: Speusippe elevou os números da dignidade dos primeiros princípios das coisas¹¹ que ele seguiu detalhadamente, à maneira dos Pitagóricos, as analogias entre as relações geométricas e as relações aritméticas, e que, particularmente, entou ao louvor da década um colorido hino totalmente pitagórico. Todavia, nossa surpresa logo cede a uma reflexão que se apresenta naturalmente ao espírito. A busca dos primeiros princípios, que levou Platão à especulação numérica, começa precisamente no momento em que ele se preocupa menos com a doutrina das ideias. Portanto, não temos motivo de nos assombrar ao ver essa tendência se acentuar por meio do aluno que mais se contentou em transmitir essa teoria em segundo plano de seu pensamento, mas que a abandonou. Ele o fez sem reconhecer, ao mesmo tempo, esta tese fundamental da doutrina platônica do conhecimento, que a ciência seria impossível se não existisse essências surgindo acima do mundo sensível. Como tais, ele também reconheceu os números. Speusippe deve sua honra por não se deixar prender, completamente, por aquilo que chamamos de analogismo dos Pitagóricos, mas de ter, frente a essa tendência, assim como a tendência análoga de Platão, apresentado uma louvável aspiração a uma distinção mais rigorosa dos conceitos. Foi assim que, para ele, o ponto não era idêntico à unidade, mas somente algo próximo; ele não considerava mais a razão como equivalente à unidade e ao bem, mas ele os dividia na qualidade de “especificamente particular”¹². Suas inúmeras obras éticas mostraram todo o seu potencial nas exigências para com a vida e livre de

⁸ O título da obra *περί γεωγῶν καὶ εἰσῶν παραοειγματοῦ* (Diog. I. IV 5) foi feito inexatamente na tradução latina.

⁹ *Politique*, 287 e: *κατὰ μέλη... οἰαιρώλμεδα, δίχα ἀδυνατοῦμεν*.

¹⁰ Cf. *Métaph.* XIV 4, 1091b, 30 sq. Com as observações de Krische, *op. cit.*, p. 254.

¹¹ Cf. as passagens da *Métaph.* enumeradas e discutidas por Zeller II I, 4ª ed. 1003 sq. – Sobre o que se segue, cf. a *Theolog. Arithm.*, p. 62.

¹² O ponto não é idêntico à unidade, a razão não equivale à unidade e ao bem, mas ela é *ἰδιοφυής*; isto resulta da Aristóteles XIII 9, 1085a 32 e de Stobée, *Ecl.* I 58 = p. 35, 3, Wachsmuth.

exaltação; ele outorgava, é verdade, o primeiro lugar às virtudes, mas não recusava todo valor disso, tampouco a saúde, ao bem-estar e aos outros seres exteriores¹³.

II

A fisionomia de Xenócrates se apresenta a nós por meio de seus contornos menos vaporosos¹⁴. Não era o favorito das Graças; não precisava das rédeas, mas sim da espora – eis a forma como o próprio Platão o caracterizava, dizia-se, o caráter triste, selvagem e um pouco indolente de seu aluno. Com a morte de Speusippe, ele apenas foi escolhido pelos membros da escola a uma fraca maioria, atualmente, uma minoria das pessoas competentes para ver nele um grande e original pensador. Durante os vinte e cinco anos (339-314) que ele exerceu suas funções, sem dúvida, não tiveram qualquer influência sobre os destinos da escola platônica. Um ensaísta espiritual nos fazia lembrar um dia que algumas casas principescas conseguiram se manter por muito tempo sozinhas; são aquelas cujo fundador foi seguido por um herdeiro que observou cuidadosamente às aquisições feitas, e as administrou durante um longo período. A mesma regra parece aplicar-se às dinastias filosóficas. Teofrasto cumpriu estas condições na escola aristotélica, Cleantes naquela dos estoicistas; o mesmo papel foi desempenhado naquela de Platão, após o breve interregno de Speusippe, pelo Calcedônico Xenócrates, que se tornou ainda mais fielmente dedicado ao mestre que seu próprio sobrinho. Por um lado, isto é verdade, e certamente para o bem da escola, ele se engajou em outros caminhos ao contrário de seu chefe. Este meteco era mais cordialmente devotado à constituição democrática de sua pátria adotiva que o aristocrático filho dos reis do Ático. O povo, que o honrava por sua confiança, o designou, após o desgraçado problema da guerra lamiaica, como membro da embaixada que negocia com Antípatro, administrador do reino da Macedônia; nos dias nos quais uma guarnição macedônica ocupa o porto de Munique (322 a.C.), ele manifesta sua tristeza patriótica ao interromper os sacrifícios que oferecia às Musas na Academia; enfim, recusou o direito de cidadão que Demades lhe ofereceu, ao declarar que isto seria vergonhoso ao benefício da nova constituição – e que, pela ordem do povo, pediria a Antípatro para não sancionar.

Aquilo que Xenócrates recomendava ao povo ateniense estava além de seu patriotismo e a integridade, acima de tudo, vangloriada de sua conduta – o sentimento vivo de independência, o qual ele comprovava frente aos Grandes. Alexandre, ao colocar

¹³ Sobre sua ética, cf. Clément, *Strom.* II 133, 500 P; Plutarco, *de comm. not.* 13, 1 (*Moralia* 1302, 49 Dübner); Sénèque, *Epist.* 85, 18.

¹⁴ A respeito de Xenócrates, nós somos resignados por Diog. Laërce IV, c.2; pelo *Index Academicorum*, claramente col. VI sq., p. 38 sq. Mekler; por Cicéron, *Tusc.* V, 32. – Cf. o ensaio do autor: *Die Akademie und ihr vermeintlicher Philo-Macedonismus*, em *Wiener Studien* IV, 102 sq. Os fragmentos foram reunidos e comentados com excelência por Richard Heinze, *Xenokrates*, Leipzig, 1892.

à sua disposição uma soma considerável, convida para um jantar comum da escola os mensageiros encarregados de lhe enviar este presente, e recusa com o pretexto da simplicidade da mesa e a ausência de qualquer luxo à Academia, ou antes, ele aceitou uma frágil parte daquilo que lhe ofereceram, o bastante para enlevar à sua recusa todo caráter descortês, todo ar de provocação. Sua atitude em relação à religião era benfeita para lhe aproximar do sentimento popular. Ultrapassou a escola estoica – cujo fundador foi seu aluno ¹⁵ – naquilo que os Antigos chamavam de “acomodação” (συνοικέωσις), isto é, na interpretação especulativa dos relatos e dos símbolos mitológicos, interpretação destinada a lançar um ponto entre a crença popular e a filosofia. Ele mesmo atribuiu um caractere antropomórfico à teoria – formulada posteriormente por Platão – os números como os primeiros princípios, declarando que o princípio da unidade era a divindade primordial masculina, o princípio da dualidade, aquele da divindade primordial feminina. Dessa forma, improvisadamente nos lembramos que ele nos oferece um novo exemplo dessa tendência à reação que já havíamos contado em Euclides de Mégare e no velho Platão, e pelo intermediário dos quais as essências metafísicas estimam retornar às suas formas teológicas primitivas (cf. II, 180 e 598). Paralelamente, ele ultrapassou os deuses siderais de seu mestre pela deificação dos fatores naturais, e, enfim, percebeu que o comércio entre deuses e homens era administrado pelas inúmeras tropas de demônios. ¹⁶ Esta demonologia, sobretudo que seguia o modelo da alma má do mundo das *Leis* – até os espíritos malfeitores admitirem – nos mostra que Xenócrates estava bem afastado da razão ativa do verdadeiro Socratismo, e que ele era dominado pelas tendências quase indestrutíveis da alma popular.

Xenócrates contou dentre os demônios as almas ainda não encarnadas ou as almas separadas do corpo? Não se pode dividir este ponto com uma certeza completa. Sua definição da alma é mais importante, e ela também se aplica tanto à alma do mundo quanto a do homem individual: para ele era “um número mudando por si só” ¹⁷. Pode ser entediante compreender esta estranha definição. Aristóteles estava bem fundamentado ao chamar “o cúmulo do absurdo”. No entanto, ao mesmo tempo, esclareceu de forma excelente, ainda que, talvez, sem lhes esgotar os motivos de concepção, dos quais o concurso o produziu. Seria supérfluo que entendêssemos a respeito do próprio movimento. Nós, leitores, conhecemos o suficiente a respeito da doutrina de *Fedro* e das *Leis*, o conteúdo da qual todo movimento é de origem física (cf. II 462 sq.).

¹⁵ Diogene Laërce, VII 2, e Numenius, em Eusèbe, *Praep. Evang.* XIV 5, 11, atestando que Zenon, o chefe do Pórtico, foi aluno de Xenócrates. Este fato foi contestado por razões cronológicas, as quais o autor se esforçou para mostrar algum fundamento: *Zur Chronologie des Stoikers Zenon*, em *Wiener Sitzungs-Berichte*, v. 146, Abhandl. 6. Krische, *op. cit.*, p. 323, já designara esta relação dos homens a propósito de suas doutrinas religiosas. Exemplos de sua *synoikeiôsis* em Krische, *op. cit.*, p. 324 e em Heinze, p. 143. – Sobre a mônada e a díade como divindades, cf. Stobée, *Ecl.* 1 62, p. 36, 6 sq. Wachsmuth.

¹⁶ Sobre sua demonologia, cf. o estudo de Krische, p. 320 sq., que Heinze, p. 81, nota 2, nomeada com razão “grundlegend”.

¹⁷ Ver Aristóteles, de *An.* I 2, 404b 29 sq., com a crítica, 408b 32.

É preciso acentuar em outra a função da alma no conhecimento, ou, então, o número passava pelo tipo do conhecimento mais abstrato e pela consequência mais pura que poderia reivindicar a categoria suprema. Isto se une à antiga doutrina da igualdade da essência entre o conhecimento e o conhecido. Quase da mesma forma que Empédocles fazia conhecer “a terra pela terra”, “a discórdia pela discórdia” (cf. I 260), aquele que aqui conhece o número deve participar por sua essência. Talvez esta estranheza também nos torne um pouco mais compreensíveis pela seguinte consideração. Caso Xenócrates desejasse definir a alma, uma coisa de cada vez, conhecendo e movendo por si só, agora não lhe era fácil determinar exatamente esta coisa sem estimular representações acessórias próprias a perder-se. Aí, tratou de afastar o conceito do material, do compreendido no espaço, e sobretudo aquele de um objeto concreto, já composto de corpo e de alma; assim como os termos como “coisa”, “ser vivo”; talvez mesmo admissíveis a ele. Ao fugir desse domínio, percebeu que se apresentou a ele o “número”, que se recomendava por meio de seu caráter abstrato, e ao mesmo tempo, sem dúvida, deveria também pensar no relatório quantitativo das partes da alma. Resumindo, a definição não é mais absurda do que a concepção análoga da alma como uma “harmonia” (cf. II 459 sq.); aliás, ela também é a espera pela objeção que Aristóteles formula, isto é, a harmonia é uma relação de uma maneira de composição e que esta supõe os elementos dos quais ela seja a relação ou a síntese.

Este emprego do conceito de número está na relação mais estreita com esse produto da velhice platônica, que, com o nome de doutrina dos números ininteligíveis ou ideais, inutilmente ocupou tanto a antiguidade quanto os tempos modernos. As indicações contidas em *Filebo* (cf. II 682) foram seguidas de uma explicação mais completa incluída “sobre o Bem”, cujo conteúdo é qualificado de “enigmático” em um comentário antigo bem informado.¹⁸ Se os sucessores imediatos de Platão não podiam resolver esse enigma de uma maneira satisfatória, nem mesmo dar uma explicação de qualquer medida que concordasse, como poderíamos conseguir, nós que apenas conhecíamos alusões obscuras e fragmentadas, naqueles termos que ele havia formulado? O que foi estabelecido reduziu-se a algo mais forte; sabemos que estes números ideais eram distintos daqueles com os quais se calcula, e que não existiam mais do que dez¹⁹. Portanto, para Platão, não se tratava mais de números no sentido matemático, mas de *princípios numéricos*. Foi por meio desses princípios que ele tentou reconhecer os elementos primordiais de todas as coisas. Dispusemo-nos de informações quase exatas sobre os princípios da unidade e da dualidade, também chamados de princípios da indivisibilidade e da divisibilidade, da mistura dos quais os números propriamente ditos deveriam sair – quanto à “unidade na multiplicidade”, como podemos nos exprimir com uma lógica da época mais recente.

¹⁸ Comentário de *Simplicius à La Physique*: III 4 (453, 30 Diels).

¹⁹ Passagens essenciais sobre esta teoria: Arist. *Métaph.* I 6; XIII 6 sq.; XIV 3; de *Anima* I 2. O autor não foi o unido do mundo persuadido pelo exposto recentemente por Natorp (*Platos Ideenlehre*, p. 413 sq.), que fareja todos os mal-entendidos de Aristóteles.

De resto, percebemos apenas um vago analogismo. Ao paralelismo que os Pitagóricos revelavam entre os conceitos aritméticos e os conceitos geométricos (entre o ponto e a unidade, a linha e a dualidade, a superfície e a tríade, o corpo e a téttrade, cf. I 114), acrescentava-se uma semelhança no domínio do conhecimento²⁰. A razão pura era identificada pela unidade, o conhecimento à dualidade, a opinião à tríade, a percepção sensível à téttrade. Um raio de luz cai sobre essa indicação de Aristóteles se nos lembrarmos do fato de que Platão já fazia um paralelo entre a *República* (cf. II 518) e o primeiro algarismo da superfície, 3, as sombras da opinião única, que estaria sujeita ao erro. A identificação do conhecimento à dualidade parecia repousar sobre a circunstância que abrange em si, um conhecimento e uma compreensão, ao passo que a razão pura contém estes dois elementos, sujeito e objeto, em uma unidade ainda indistinta, conhecida como a contemplação de sua própria divindade. Dois princípios de arranjo parecem se entrecruzar aqui: da razão à opinião temos um progresso descendente; mas um progresso semelhante, no que se concerne à relação da opinião com a percepção sensível, não era semelhante, pelo menos no primeiro olhar. Contudo, pode ser que Platão tivesse afastado essa objeção ao observar que na opinião, tão incerta e falaciosa quanto ela seja, sempre há um reflexo da razão, uma parcela de trabalho intelectual, enquanto a percepção sensível nos rebaixa completamente ao mundo do irreal, e dentre as funções psíquicas se encontra mais próximo da esfera da corporalidade e da animalidade que a opinião, que avalia e compara as impressões sensíveis. Pode-se estender tanto quanto se deseja o fio dessas analogias; será pouco para nós, assim como para o próprio Platão, o fio de Ariadne que possa nos tirar desse labirinto de semelhanças vagas. As tentativas realizadas recentemente para encontrar nessas teorias uma antecipação sobre as visões lógico-matemáticas mais modernas são desprovidas, as quais nos parecem, de uma base completamente sólida.

A necessidade de simplificação especulativa de Platão atingiu seu ponto culminante nesta doutrina. Encontramos na *Política* esta tendência – que lembra o alcance da visão de Heráclito – de reconhecer o reino dos mesmos poderes na vida moral e na vida natural. Encontramos no *Timeu* a ética fundida em uma substrução cósmica, a natureza moralizada e, ao mesmo tempo, “matematizada”, como uma antiga palavra agradável retrata. Assistimos ao triunfo que os matemáticos obtiveram, no espírito de Platão, sobre a dialética devido ao abuso real ou pretendido que havia sido feito. Dessa forma, o motivo da ideia que já havíamos encontrado como ativo na elaboração da doutrina das Ideias o conduz completamente, queremos dizer a conclusão da evidência dos julgamentos matemáticos à realidade de seus objetos (cf. II 417). As tendências pré-denominadas se unem à concepção pitagórica do número, que faz disso não somente a expressão, mas também o gerador de uma lei soberana, a própria essência das coisas, a mais pura realidade (cf. I 113). As últimas paredes

²⁰ Cf. Aristóteles, *de An.* I 2, 404b 21 sq.

que separavam uns dos outros diversos domínios da existência foram derrubadas. A ciência da natureza, a moral, a doutrina do conhecimento se fundem em um todo, pelo fato de que suas ideias mais elevadas se reúnam nos princípios numéricos comuns. No ponto mais alto da pirâmide dos números, que é ao mesmo tempo uma pirâmide de conceitos, encontra-se o princípio da unidade. Especula-se aqui a aspiração de Platão a essa unificação absoluta do homem e da sociedade, que se exasperou até a abominação de todas as diferenças que separam, de tudo “meu e teu”, qualquer divergência de opinião, qualquer individualidade. Assim como no Universo, a unidade era erguida no princípio da saúde, da existência duradoura, e, também, pelo princípio do Bem (cf. II 647). A isso se acrescenta o princípio da unidade no mundo intelectual; é a razão universal que pensa por si só e ainda não distingue nenhum sujeito e nenhum objeto, ou então a divindade que a própria contempla. Aqui, adivinhamos mais do que concluímos. Qualquer visão nossa é interdita da maneira que Platão trazia as ideias aos princípios numéricos. Em relação a um ponto, somente uma dúvida é impossível: ele reúne todos os conceitos ou gêneros superiores – identificava-os com os princípios numéricos – e eles lhes subordinava seguindo a série descendente de sua especialização crescente (cf. II 682 observação). E compreendemos tanto sobre um espírito, assim como o de Speusippe pôde sentir-se apressado a atrair a atenção sobre a diferença específica dos conceitos éticos, físicos, intelectuais e matemáticos fundamentais, na presença da embriaguez especulativa desta filosofia da identidade.

Tal sobriedade não era o fato de Xenócrates. A magia do número acorrentava. Por todas as partes ele enxergava a tríade sagrada: na divisão da filosofia, em que, primeiramente, ela distinguiu a física, a moral e a lógica²¹; naquela do Universo, nas três regiões que correspondiam para ele, três formas da divindade e três graus do conhecimento, tanto quanto a tripla natureza das Essências – inteligíveis, perceptíveis para os sentidos e misturados – era simbolizada pelos três Parques. Não é mais necessário parar neste ponto. Também não é preciso mais se ocupar de sua física, que se une Àquela do *Timeu*, se for apenas o local dos menores triângulos, ele colocava corpúsculos elementares no sentido próprio desta palavra²². Ele não queria ouvir falar nem de um nascimento do Universo no tempo, nem de uma criação da alma universal, e, portanto, foi um dos pioneiros, senão o primeiro a considerar as declarações de *Timeu* em relação a isso, como um simples meio de exposição. Conhecemos apenas seus contornos, e, de uma maneira pouco clara, sua moral que ele havia tratado nos inúmeros escritos. Com um sentimento cuja fineza nos surpreende, declara que o

²¹ Conforme Sextus, *adv. Math.* VII 16 (portanto, essa tripartição é suposta por Aristóteles, *Top.* I 13, 105b, 20-1). Sobre as outras tríades, ver o mesmo autor, VII 147 (193-4 e 223 16 sq. Becker).

²² Cf. Heinze, p. 67 sq.

simples desejo equivale à má ação realizada²³. Ele não fazia a abstração completa dos bens corporais e exteriores, e evidentemente estava menos próximo dos Cínicos, que são sucessores à direção da escola²⁴.

III

Este aqui foi Polemon de Atenas²⁵. Ele descendia de uma família opulenta e de nobreza antiga, e dirigiu a Academia de 314a 270. Sua juventude foi relaxada e também desregrada. Um dia, em pleno meio-dia, fez um escândalo com uma tropa de mata-borrões na magnífica Rua da Cerâmica. As intrigas amorosas que ultrapassavam a medida admitida pelos gregos levaram sua esposa a tentar um processo de divórcio. Suas relações com Xenócrates lhe transformaram em alguém irreconhecível. A calma leva à insensibilidade e a invariabilidade do humor adivinha seu ideal. No teatro, quando todos os espectadores empolgados se agitavam ao seu redor, este homem tornava-se impassível, sem que seus atos austeros traíssem a mais leve emoção. Mesmo a mordida de um cão furioso não lhe arrancava nenhum grito de pavor ou de dor. Ao mesmo tempo que ganhava a admiração de seus discípulos, ele havia ganho seu total devotamento. Para estar sempre perto dele, vários deles construíram pequenas cabanas no jardim da Academia. Em seu ensinamento, a dialética e a física passaram a segundo plano; apenas ocupou-se da moral platônica, que ele aproximou daquela dos Cínicos. Reconhecia a natureza por seu guia²⁶, e sua recomendação de viver “conforme a natureza” abrangia germes suscetíveis de um desenvolvimento rico; esses desenvolvimentos realmente deviam ser dados apenas pelos estoicos e epicurianos.

Seu ensinamento foi completado pelo de Krantor²⁷, homem considerável que, como intérprete do *Timeu*, abriu a série de exegetas propriamente ditas de Platão, ainda que tenha seguido os traços de Xenócrates em sua maneira de compreender

²³ A palavra que ele cita de Elien, *Var. Hist.* XIV 42, foi comparada depois de muito tempo a uma passagem de *l'Évangile* de Matthieu, V 28.

²⁴ Sobre sua doutrina dos bens, cf. Heinze p. 147 sq.

²⁵ Sobre a vida de Polemon, ensinamentos detalhados no *Index Herculi*, essencialmente após Antígonos de Karystos. Cf. nosso trabalho: *Die herculanische Biographie des Polemon* em *Philosophische Aufsätze*, dedicados a Ed. Zeller, Leipzig 1887, 141 sq. Diog. Laërce, IV c. 3, oferece apenas uma rápida passagem.

²⁶ Em uma obra, citada por Clemente, Strom. VI 32-849 Potter, Polemon interditou o uso da carne, que, segundo ele, nos fazia participar da insensatez de um animal.

²⁷ Sobre Krantor, cf. o *Index Acad.*, col. XV, p. 59 sq. Mekler, e o extrato que Diógenes Laërce fez IV, 5. Sobre seu comentário no *Timeu*, cf. II 629-31 com observação à p. 629. Pode-se encontrar detalhes sobre este comentário em Fr. Kraiser, *Du Crantore Academico*, p. 12 sq. É possível encontrar *ibid.* os fragmentos do livro *Sur Le Deuil*, p. 34 sq. Os prós e contras na questão da imortalidade, p. 9-10 de acordo com Hirzel, *Der Dialog I* 349. O fragmento mais importante se encontra em *Consol. ad. Apoll.*, c. 3 (Moralia 122, 20 Dübner) de Plutarco.

este diálogo. Krantor divulgou também um gênero literário que lhe rendeu fortuna mais tarde, aquele das *Consolations*, por meio de seu livro *Sur le Deuil*, que foi muito vendido; ele continha, entre outros, uma apreciação pelos prós e contras na questão da imortalidade, que remetia a apologia platônica. Um fragmento precioso desta obra trata com um sentido profundo a tarefa que foi destinada a amenizar a dor corporal como guardiã da saúde, e a dor física como preservadora da grosseria animal. O mesmo espírito medido encontra-se em sua tabela dos bens, em que a virtude ocupa o primeiro lugar, mas também onde foi feita uma para a saúde e outra para a riqueza, e – entre as duas – mesmo por prazer.

Ele supunha os gregos reunidos por uma festa, e desfilava frente a eles os diversos bens que disputavam o primeiro preço; e tinha em seu relato esta graça e esta vivacidade de exposição que distinguiram também o livro *Sur Le Deuil*²⁸. Se a apatia e a insensibilidade não eram mais o ideal de Krantor, como o de Polemon, estes dois homens não eram menos ligados pela amizade mais íntima. Ele termina lhes fazendo adotar uma comunidade completa de vida, da qual Cratos sucedeu Polemon como à direção da escola, e que aceitou, por sua vez, o sucessor de Cratos, Arcesilas. Estes amigos queriam que seus ossos fossem reunidos no mesmo túmulo, trato de sensibilidade do qual se acusa o espírito do século em que o ideal de Polemon se inclinava ao Cinismo. Portanto, este último parece ter sentido, tudo ao menor obscurecimento, a exclusividade de sua individualidade, e por consequência a necessidade de completá-la. Sem isso, como teria se tornado o amigo de Cratos, ele que se abstinha de qualquer participação dos negócios do estado, que evitava qualquer reunião de homens e que também caminhava, sempre que possível, no chão da cidade. Pois Cratos, ao contrário, tinha uma parte ativa à vida pública, e não desdenhou de cobrar as embaixadas. Ele também escreveu um livro sobre a comédia, tanto que o autor favorito de Polemon era o poeta trágico Sófocles. Um contraste ainda mais acusado existia entre Polemon e o quarto membro dessa associação de amigos, Arcesilas. Enquanto o primeiro desdenhava de qualquer diálogo, o segundo infundiu a esse uma vida nova e poderosa no seio da escola platônica. Mas aqui já chegamos aos limites da Academia antiga. De qualquer forma, não nos separamos sem mencionar, brevemente, um personagem secundário, mas particularmente atraente que permite sua atividade múltipla.

²⁸ A disputa dos bens é descrita por Sextus, adv. *Math*, XI 51 sq. (556, 24 sq. Bekker). Para Cratos, Antígonos é igualmente a fonte principal e essencial; Diógenes Laërce IV, c. 4 é mais rico, no que se refere a esse filósofo, que o *Index Acad*. A atividade política e as embaixadas de Cratos se deduzem dos Λογοι δημηγορητικοί και πρεσβευτητικοί que Diógenes menciona, *loc. cit. ibid*. Diógenes também menciona seu livro *Sur La Comédie* e dos Φιλοσοφου νευα sem indicação mais precisa sobre seu conteúdo.

IV

O nome de Heráclides não é mais estranho a nossos leitores²⁹. Eles se lembram da parte considerável que levou ao desenvolvimento das teorias fundamentais da astronomia (cf. I, 132). Mas suas faculdades diversas não são apagadas nesta obra única. O aparecimento de Heráclito de Ponto tornou-se particularmente ligado a Speusippe, e instruído na arte oratória por Aristóteles; na época que ele fazia sua primeira estada em Atenas – dizem que ele substituiu Platão na direção da escola durante sua última viagem para a Sicília – e desfrutava, em todo caso, de uma grande consideração com a Academia e com a morte de Speusippe, foi um desastre, não tinha sido chamado para lhe suceder³⁰. Percebeu que Xenócrates sobressaía sobre ele, mesmo que apenas tenha rebatido algumas vozes e voltado para sua pátria. Infelizmente, sua grande atividade literária e didática não bastou para a sua ambição. Não estava mais isento de qualquer charlatanismo; neste ponto se assemelhava a Empédocles, que também lembra sua aspiração pelas honras sobre-humanas. Retomou este orgulho de uma maneira verdadeiramente trágica. Como Heracleia tinha uma escassez de colheitas, uma após as outras, ele decidiu consultar o oráculo de Delfos; corrompendo aqueles seus cidadãos que foram enviados para lá e a própria Pítia, ele se fez dar esta resposta: que os Heracleotes veriam sua situação melhorar caso eles honrassem sua pátria, e, após a sua morte, o adorassem como um herói. Então, seria produzido um incidente que deveria dar a impressão de um julgamento divino. No mesmo momento que seria anunciada no teatro, frente ao provo reunido, a sentença do oráculo, Heráclito, na mais viva emoção, cai morto, assim como esse vencedor olímpico que, no momento que ele era coroado, foi atingido por uma apoplexia inesperada³¹. Este traço de charlatanismo prejudicou Heráclito desproporcionalmente e também comprometeu a reputação do escritor. Sem dúvida, ignoramos se a acusação de plágio, levantada contra ele por um rival, não tinha fundamento³². No entanto, se seus diálogos eram adornados de

²⁹ Sobre Héraclides, cf. Otto Voss, *De Heraclidis Pontici vita et scriptis*, Rostock 1896. A fonte principal é Diog. L. V c.6; subsidiariamente, o *Index Acad.* Col. IX, p. 24 sq. Mekler, e também col. VII, p. 39 M.

³⁰ Heráclito não pode ter seguido apenas as lições de Aristóteles como do vivaz Platão, quando o estagirista apenas ensinava a retórica (cf. Grote, *Aristotle*, I 32). Pois, após a morte de Platão, Aristóteles deixou Atenas assim como Heráclito, após a morte de Speusippe. A indicação de Diógenes – isto é, de Sotion: – παρέβαλεν πρότον Σπενσίππω, – apenas pode ser entendido, sem dúvida, pelas relações pessoais íntimas. Quanto à substituição de Platão por Heráclito, durante uma de suas viagens – a última viagem para a Sicília, provavelmente – foi mencionada por Suidas s. v. Ηρακλειδης.

³¹ Eu não vejo nenhuma razão de utilizar como uma fábula o relato de sua morte. No lugar de um vencedor olímpico, eu poderia falar de vários, e também do pai de um deles. Cf. Pausan. III 18 5, Elien *Var. Hist.* IX 31 e Diog. L. I 72, com a correção de O. Jahn, *Philologus* 26, p. 3.

³² A acusação de plágio foi formulada contra ele por Chamaeleon, Diog. L. *op. cit.*, p. 92.

histórias e de invenções maravilhosas, ele apenas se utilizava de seu direito artístico, e não merecia mais a culpa sobre este assunto que Platão, por ter contado a visão de Er, o Panfilio, ou descrito o fabuloso reino de Atlântida. A mais notável de suas ficções é sem dúvida aquela na qual ele fazia um homem descer da lua sobre a terra, como Voltaire devia ter feito um habitante descer de Sirius, Micromegas, e talvez com uma intenção análoga: fazê-lo julgar as questões humanas.

A tendência de aumentar a forma dialogada para além de seus limites primitivos por todas as formas de adição, em parte fantásticas, portanto ela não tem sido, nesta época, aquela do solitário Heráclito. Eudoxo compôs os “diálogos de cães”; *Panthère* e *Corneille*, de Diógenes, semelhantemente fazem supor uma entrada em cena dos animais da fábula. Extraordinária riqueza de figuras, extensão considerável dos relatos que envolvem o diálogo em que lá está intercalado, eis aquilo que distinguia as obras do Pôntico, ao mesmo tempo em que o tom da conversa, que era natural e que permanecia a meio tom, cuja conversa elogiava o escritor. Além disso, eles eram tão variados quanto às suas questões e pela maneira que eles eram tratados, que lhes dividimos em diálogos trágicos e em diálogos cômicos. Aquele da *Morte aparente* descrevia uma convalescência miraculosa vivenciada por Empédocles. O segundo conduzia o leitor ao inferno; um terceiro trazia um feiticeiro ao pátio de Gélon e lhe contava sobre uma viagem pela África. Enfim, o *Abaris*, que fazia parte de diversos volumes, e no qual, ao lado desse estranho personagem hiperbóreo, via-se surgir e se ouvia falar Pitágoras, quase parecia haver um romano intercalado de diálogos³³.

Heráclito era melhor como escritor ou filósofo? Seríamos tentados a supor isto. Pois, enquanto a forma artística de suas obras tem sido louvada sem cessar e ainda imitada por Varron e por Cícero, o número das doutrinas particulares que lhe são atribuídas, a abstração feita de suas grandes inovações astronômicas não é precisamente considerável. Sem dúvida, nossas fontes, com frequência, nos causam muita dificuldade. A atomística dos Abderitanos foi modificada por Heráclito, e foi conservada sob a forma dada por Asclepiades, fundador da escola “metódica” de medicina (Séc. I a.C.). Contudo, não está nada claro sobre a natureza e entendimento dessa transformação³⁴. Em todos os casos, Heráclito abandonou o conteúdo antigo e pouco preciso da doutrina ao substituir o conceito do átomo por aquele do corpo simples. Como era evidente, somente isso que era preciso ver em seus “corpúsculos não combinados”³⁵. As testemunhas de um valor indiscutível nos impedem de supor que ele embalou o fundamento da doutrina

³³ Hirzel, *Der Dialog* 321 sq., falou excelentemente sobre a dura crítica que o malevolente Timeu exerceu na antiguidade, e sobre o caráter dos diálogos de Heráclito em geral.

³⁴ Sobre a teoria atômica de Heráclito, cf. as testemunhas em Voss p. 66 sq.

³⁵ Minha concepção de *ἀναρμοί ὄγχοι* é nova, mas, sobre o que eu acredito, apenas admissível. Lembramos habitualmente de *ἀναρμοί* para o padrão de união entre os corpúsculos primitivos; mas essa interpretação contradiz absolutamente a descrição detalhada de Caelius Aurelianus, *De morbis acutis* I 14, isto é, do sábio muito competente, Soranos, que Caelius traduziu para o latim.

atomística, e admitem outra realidade objetiva como aquela das propriedades mecânicas dos corpúsculos primitivos. Em revanche, é possível que ele tenha amputado a excrescência fantástica dessa doutrina, negada a infinidade numérica dos espaços de corpos simples, e satisfeito o papel que deveria exercer esta hipótese admitindo inúmeras combinações capazes de modificar o efeito dos corpos simples sobre nossos sentidos. Portanto, estaria próxima da química moderna; então esta é a conclusão que nos leva a uma indicação que quase não pode ser interpretada de outra forma; seus átomos eram suscetíveis de modificações, pois sem dúvida entendemos que eles exercem uns sobre os outros. Além disso, o mundo dos corpos não pode ter tido, aos olhos do discípulo religioso de Platão, a mesma e, por assim dizer, soberana significação que tinha aos olhos dos Abderianos, cujos próprios deuses eram nascidos de combinações atômicas e eram desprovidos de qualquer influência sobre o processo cósmico. Sobre esse relato, seu ponto de vista podia parecer com aquele dos teólogos modernos que não se revoltam mais contra a doutrina da evolução, mas que, na evolução, veem apenas, no lugar de uma razão primordial, um instrumento de intenções divinas. Como pudemos ver no título de uma de suas obras – *Sur les simulacres, contre Dèmocrite*, – Heráclito combateu a teoria do conhecimento de Demócrito. Ele também atacou Heráclito, assim como seu antípoda Zenon d'Elée, enquanto ele se ocupava com o amor da história da escola pitagórica. Seus escritos relativos à moral e à política, às matemáticas e à física, à literatura e à história da música completam inúmeros volumes.

Encontramos a mesma sede de ciência enciclopédica, e a um grau bem mais elevado, com outro pensador maior, como o Pôntico, que saiu da escola de Platão, e não mais do que Heráclito, encontrou lá seu lugar.

THEODOR GOMPERZ

OS PENSADORES DA GRÉCIA

HISTÓRIA DA FILOSOFIA ANTIGA

— TOMO I —
FILOSOFIA PRÉ-SOCRÁTICA

440 páginas

Livro Primeiro

OS PRIMÓRDIOS

Livro Segundo

**DA METAFÍSICA À
CIÊNCIA POSITIVA**

Livro Terceiro

A ÉPOCA DAS LUZES

— TOMO II —
FILOSOFIAS SOCRÁTICA
E PLATÔNICA

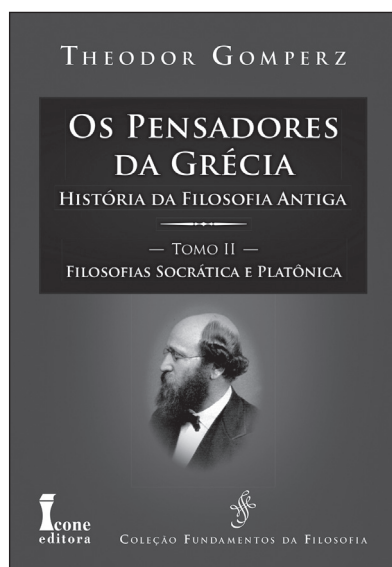
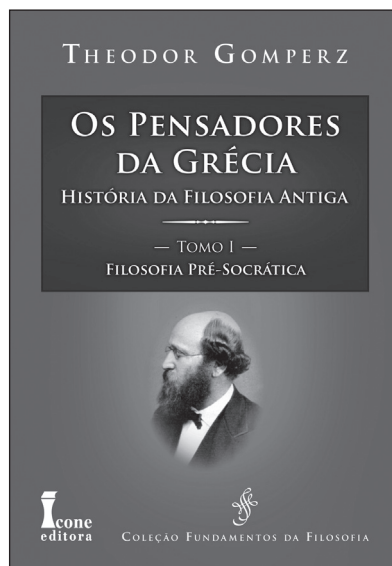
576 páginas

Livro Quarto

SÓCRATES E OS SOCRÁTICOS

Livro Quinto

PLATÃO



icone
editora

www.iconeeditora.com.br